



Entre o céu e a terra: as viagens de Bento XVI e Francisco em perspectiva

Between heaven and earth: the journeys of Benedict XVI and Francis in perspective

Davi Arão Elias Cardoso*

Resumo: As viagens internacionais oficiais dos papas eleitos no século XXI apresentam aspectos comuns, mas, também, algumas diferenças, em consonância com o perfil e a trajetória de vida de cada um dos pontífices. Este texto tem como objetivo analisar comparativamente as mudanças ocorridas entre os anos de 2005 e 2019, compreendendo a totalidade do pontificado de Bento XVI e a maior parte do período pontifical do papa Francisco. O processo de secularização vivido pelo Ocidente e a valorização da doutrina católica, sempre presentes na vida do teólogo Joseph Ratzinger, se fizeram sentir nos rumos de suas viagens como papa. Da mesma maneira, a preocupação com a exclusão social e com os meandros da política, tão marcantes no episcopado de Jorge Bergoglio, foram e são questões muito presentes nas viagens do atual papa. Lançando mão das estatísticas, compromissos e alocações realizadas em suas viagens, esta análise pretende ser um pequeno contributo elucidativo das dinâmicas que envolvem o catolicismo e sua relação com o mundo atual.

Palavras-chave: Igreja Católica; viagens apostólicas; Papa Bento XVI; Papa Francisco

Abstract: The official international travels pursued by the popes elected in the 21st century have common aspects but also some differences, in line with each pontiff's profile and life trajectory. This text aims to comparatively analyze the changes that took place between 2005 and 2019, comprising the entirety of the pontificate of Benedict XVI and most of pope Francis. The process of secularization experienced by the West and the valorization of the Catholic doctrine, always present in the life of the theologian Joseph Ratzinger, was felt during his travels as pope. Likewise, the concern with social exclusion and the intricacies of politics, so predominant in the episcopate of Jorge Bergoglio, were and are very present issues in the current pope's travels. Making use of statistics, formal appointments held and speeches delivered during their Apostolic journeys, this analysis results in a small contribution to the clarification of the dynamics involving Catholicism and its relationship with the modern world.

Keywords: Catholic Church; Apostolic journeys; Pope Benedict XVI; Pope Francis

Introdução

Durante o século XVIII, os iluministas viriam a colocar em marcha acelerada aquilo que comumente chamamos de modernidade (Habermas, 1983). Imbuídos de um forte desejo de liberdade, pretendiam elevar a ciência à única chave de leitura da realidade, tornando-a verdadeira orientadora da sociedade. Esse processo previa uma ruptura

* Doutorando em Sociologia na Faculdade de Letras (UPorto, Portugal). ORCID: 0000-0002-9045-4422 – contato: daviaecardoso@gmail.com

com a história e a sociedade de então, colocando a desmistificação e a dessacralização do conhecimento como caminho essencial para o progresso do ser humano (Harvey, 2008, p. 23).

Porém, todo o otimismo que emanava dessa visão do mundo encontrou dramático impasse perante o belicoso século XX. As duas guerras mundiais comprovaram que a fórmula anteriormente apresentada não era suficiente para salvar a humanidade da autoaniquilação. Os campos de extermínio, os experimentos médicos desumanos, o trabalho forçado e a ameaça da destruição nuclear, promovidos por países ditos desenvolvidos, mostraram a falta de limites na manipulação do conhecimento científico e a capacidade de sua utilização para fins espúrios. Como bem colocou Bauman (1998, p. 12), ao se referir ao Holocausto, este

[...] nasceu e foi executado na nossa sociedade moderna e racional, em nosso alto estágio de civilização e no auge do desenvolvimento cultural humano, e por essa razão é problema dessa sociedade, dessa civilização e dessa cultura. [...] É também um sinal de perigosa cegueira, potencialmente suicida.

Já não parecia possível, portanto, entregar a natureza humana de maneira plena à visão moderna iniciada pelos iluministas. Os traumas dela advindos acabavam por colocar em xeque as certezas quanto a um progresso linear, baseado em verdades absolutas e condições padronizadas de conhecimento e produção (Harvey, 2008, p. 42). É então que podemos falar em uma nova fase da modernidade, ou pós-modernidade.

Apesar de não possuir uma definição clara e unânime, essa maneira de encarar a realidade é marcada pelo abandono das metanarrativas, que colocavam a humanidade em um progressismo teleológico de difícil defesa. Assim, testemunha-se uma valorização do efêmero e transitório em oposição à imutabilidade, do relativismo em detrimento de verdades absolutas, uma maior ênfase à subjetividade face à racionalidade, liberdade e anarquia no lugar de sistemas controladores e hierarquizados.

As alterações provocadas por esses movimentos atingiriam todos os meandros da vida humana, alcançando inevitavelmente o espectro religioso. Nesse sentido, tudo se torna especialmente relevante quando falamos da igreja católica, que não deixou de ser imune ao processo de transformação profunda da sociedade, nomeadamente a secularização interna (Dobbelaere, 1981).

Sacramentada em 1815 através do Congresso de Viena e revalidada pela Convenção de Viena sobre o Direito dos Tratados, em 1961, a Igreja Católica é a única denominação religiosa a ser considerada sujeito de direito internacional (Baldisseri, 2011, p. 23). Dessa forma, suas movimentações no teatro das nações têm uma relevância distinta das da maioria das demais religiões, uma vez que “possui personalidade jurídica internacional em nível de Estado, reconhecida como tal, e que, no seu exercício maior, é capaz de estipular Acordos Internacionais” (Baldisseri, 2011, pp. 26-27), abrindo caminho para a ideologia católico-cristã nos mais diversos Estados.

Por conseguinte, seu chefe ocupa uma posição bastante singular. O papa, assemelhando-se aos demais chefes de Estado, governa um território delimitado, porém, diferentemente destes, exerce soberania, ainda que somente moral e religiosa, sobre cidadãos espalhados por todos os países da Terra. Mesmo fora do universo católico é

reconhecido por muitos como uma importante autoridade moral, permitindo-lhe uma atividade internacional que extrapola o limite confessional (Carvalho in Rodrigues; Martins, 2004, p. 89).

Tendo em conta essa autoridade, a atuação do líder da igreja católica romana a nível internacional objetiva, tanto quanto possível,

[...] contribuir para a criação de uma nova ordem social, baseada na lei divina e nos ensinamentos cristãos contidos no Evangelho. A diplomacia papal é um instrumento desta pretensão, faz parte da organização transnacional da Igreja [...]” (Carvalho in Rodrigues; Martins, 2004, p. 89)

Dessa forma, muitas vezes uma visita papal não é somente uma questão de fé, configurando-se, também, em um instrumento de intervenção política e histórica. O passado recente está repleto de exemplos nesse sentido, como as viagens de João Paulo II à então comunista Polônia (Carletti, 2012, p. 21) e mesmo a passagem de Francisco por Cuba, quando mediou a reaproximação entre o governo da ilha caribenha e os Estados Unidos.

Assim, compreender as movimentações dos papas além dos muros do Vaticano parece ser algo importante para compreender o relacionamento da igreja com o mundo atual, relacionamento este perspectivado e colocado em prática pelo Concílio Vaticano II.

No que toca aos papas eleitos no século XXI, será interessante observar as diferentes estratégias relativamente às sociedades contemporâneas, atitudes que impactam no próprio agir da igreja no cenário internacional.

A barca de Pedro por terra, mar e ar: uma história concisa das viagens papais

Sempre que uma viagem papal é noticiada pelos meios de comunicação, veiculando imagens de suas visitas aos mais diferentes países e populações, têm-se a visão do pastor a visitar suas ovelhas, do missionário a levar o evangelho aos mais recônditos rincões. E também, não raro, vê-se um chefe de Estado a colocar em curso sua política externa. Mas, nem sempre foi assim. Na realidade, as viagens internacionais são um fenômeno um tanto recente na lista de atribuições do bispo de Roma. Foi somente a partir de meados do século XX que essa atividade ganhou real importância.

Isso não quer dizer que nos séculos anteriores os papas não viajassem. Eventualmente o faziam, porém não com a mesma frequência e nem pelos mesmos motivos, como, sucintamente, veremos a seguir.

Os primórdios das viagens papais e da diplomacia da Santa Sé

Nos estertores do Império Romano do Ocidente, que encontra sua queda em 476 EC, o bispo de Roma, já imbuído de considerável poder temporal, mostra-se hábil negociador internacional ao travar contato com os povos bárbaros que ameaçavam invadir seus domínios. Nas figuras de Inocêncio I, Leão, o Grande, e posteriormente

de Gregório Magno, a instituição papal ganha grande reconhecimento ao lograr acordos que salvaguardaram a cidade de Roma. Além da antiga capital do império, a igreja já abrangia terras na península itálica e arredores. Dessa forma, tornou-se necessário organizar as relações desses territórios eclesiásticos com o restante do mundo conhecido. Com isso em mente, o papa Gregório Magno cria, em 590 EC, a chancelaria papal, que, entre outras atribuições, ficaria responsável pelas relações exteriores desses territórios (Norwich, 2012, p. 50). Mas, até então, o papa não tinha por hábito sair de seus domínios.

A primeira grande viagem feita por um papa foi aquela levada a cabo por Estevão II (752-757 EC), que visitou o território da atual França em busca de ajuda militar que lhe desse força contra a invasão de Roma pelos lombardos (Suffert, 2001, p. 129). As viagens não faziam parte da atividade papal, sendo realizadas somente por motivos muito específicos.

Seria só no início do segundo milênio que os papas intensificariam timidamente as viagens internacionais. Leão IX, que governou a igreja de 1049 a 1054, viajou algumas vezes para fora de Roma, visitando o norte da Itália e as atuais França e Alemanha, realizando sínodos e resolvendo questões administrativas e doutrinárias (Norwich, 2012, p. 109). Com isso, acabou por dar projeção ao papado na Europa e intensificar o processo de internacionalização da cúria, colocando “o papado no mapa da Europa como nenhum outro Papa alguma vez fizera” (Norwich, 2012, p. 109).

Durante o papado de Gregório XIII (1572-1585), a diplomacia papal internacionalizou-se, proporcionando o envio de núncios a diversos países (Norwich, 2012, p. 375). Contudo, viagens do papa ainda eram raras, e assim permaneceriam até a primeira metade do século XX.

As viagens papais modernas

Aproveitando da evolução dos meios de transporte, ao mesmo tempo que motivados pelo chamado missionário reavivado pelo Concílio Vaticano II e pelos novos desafios impostos por um mundo em constante ebulição, os papas passam a viajar com maior regularidade. Paulo VI (1963-1978) é quem dá novo impulso às viagens papais ao viajar à Terra Santa, em 1964. A última viagem de um papa havia acontecido no ano de 1812, quando Pio VII foi levado à força por Napoleão ao exílio em França (Cardoso, 2020, p. 80). Porém, se considerarmos somente as viagens no pleno exercício de suas funções, a última incursão internacional se deu em 1804, quando o mesmo papa foi para a França, a fim de participar da coroação de Napoleão (Norwich, 2012, p. 448).

Além dos dois países na região da Terra Santa, Paulo VI visitou outras 15 nações, espalhadas pelos cinco continentes, tornando-se assim o primeiro papa a viajar para fora das fronteiras europeias. Muitas de suas viagens revestiram-se de especial importância e foram carregadas de grande simbolismo. Na Terra Santa, encontrou-se com o patriarca Atenágoras, iniciando uma reaproximação entre as igrejas católica e ortodoxa, separadas por um milênio. Nos Estados Unidos, visitou e discursou na assembleia geral da ONU, quando levantou a voz pela paz, apenas alguns anos depois da crise dos mísseis

de Cuba quase arrastar o mundo para outra grande guerra. Em Genebra, esteve presente no Conselho Ecumênico das Igrejas, em que fez “uma reflexão sobre a dimensão ecumênica da Igreja Católica, tal como havia surgido durante o Concílio Vaticano II [...]” (Vatican News, 2021).

Contudo, foi somente com João Paulo II que as viagens se intensificariam, atingindo números realmente impressionantes. O papa polonês considerava essa atividade uma ferramenta fundamental em sua estratégia pastoral e política. Primeiramente, porque as viagens cumpriam o papel de fortalecer os fiéis, confrontados com um mundo cada vez mais secularizado. Depois, ensejavam um sentimento de unidade, fundamental para o futuro da igreja. Além disso, carregavam uma forte carga política pois, devido à comoção que geravam, acabavam por evidenciar a importância que a igreja ainda possui, exercendo influência, pelo menos parcial, perante diversos governos (Suffert, 2001, p. 474, 475).

Sua estratégia mostrou-se bastante eficaz. Em suas viagens, João Paulo II, um papa claramente carismático, levava milhares de pessoas às ruas e, como consequência, atraía a atenção da classe política. Tudo isso acompanhado por uma estreita cobertura da mídia. Sua atuação política também foi um dos elementos fundamentais que levariam a queda do socialismo na Europa Oriental (Norwich, 2012, p. 541). No total, Karol Wojtyła visitou 129 países durante suas 102 viagens ao exterior. Se somarmos o tempo de cada uma de suas viagens, equivaleriam a três anos fora do Vaticano e da Itália, fato que comprova a relevância das viagens durante o seu pontificado.

Herdeiros desse legado, Bento XVI e Francisco continuaram a viajar, fenômeno que merece uma análise central neste artigo, procurando evidenciar aspectos comuns mas também diferenciados das suas geografias e das temáticas abordadas nas suas deslocações.

Análise Comparada

Para esclarecer as principais diferenças entre as viagens de Bento XVI e Francisco, usamos dois tipos de análise. A primeira consiste em uma análise estatístico-cartográfica, considerando os países e continentes visitados, além dos compromissos a que compareceram. Já a outra se configura em uma análise das alocações dos papas em suas viagens. Vale a pena destacar que não analisaremos detalhadamente cada um dos pronunciamentos papais, já que somam quase 700 discursos. Foram selecionadas alocações nos eventos de boas-vindas e despedida, nos eventos ecumênicos e com jovens, nas reuniões com o clero local, além de homilias nas missas com ligação específica ao propósito da viagem, como por exemplo, aquelas realizadas nas Jornadas Mundiais da Juventude, nos Encontros Mundiais das Famílias etc.

Assim, apresentaremos uma análise temática baseada em uma amostra de aproximadamente 30% das alocações, perfazendo 203 discursos.

O estudo será apoiado por estatísticas e conteúdos gerados no decorrer das viagens papais. Para tal, lançamos mão de uma extensa fonte primária, disponível no site oficial da Santa Sé, composta por itinerários de viagem, discursos, encíclicas, exortações e uma panóplia de documentos eclesiais.

Análise Estatístico-Cartográfica

Continentes e Países

Em relação ao número de visitas, a Europa é a região que tem recebido maior atenção dos pontífices. Todavia, se considerarmos a quantidade de dias dispendidos em cada continente, algumas diferenças merecem destaque.

Enquanto Bento XVI passou quase 46% de seus dias em viagem à Europa, Francisco usou apenas 18% de seu tempo nesta área (Cardoso, 2020, pp. 141, 142). Os continentes onde mais o papa Francisco se demorou foram a América (38%) e a Ásia (32%) (Cardoso, 2020, pp. 141, 142). Bento XVI também deu importância a esses continentes, contudo numa proporção menor.

A concentração de Bento XVI na Europa parece estar ligada às suas inquietações referentes à crise de fé e secularização acelerada que sofre o continente. Dados de uma pesquisa publicada pela Pew Research Center, em 2018, levando em conta 15 países da Europa Ocidental, demonstraram que, apesar de uma parte considerável dessas populações ainda se considerar cristã, apenas uma pequena parcela é praticante: 18% (Pew Research Center, 2018a). Ciente dessa situação e da urgência em tomar medidas, em uma entrevista concedida aos jornalistas durante seu voo com direção à Austrália, em 2008, o Pontífice declarou: “não falaria simplesmente de um declínio da religião na Europa: certamente, existe uma crise na Europa [...]” (Bento XVI, 2008).

Já o papa Francisco, ao privilegiar as periferias do mundo, também se tem mantido fiel ao seu perfil. Mesmo na Europa, a maior parte de seu tempo foi gasto em regiões com problemas crônicos, como a pobreza, o tráfico de drogas e a migração. Em muitas ocasiões, fez questão de declarar que suas visitas eram para chamar a atenção do mundo para esses problemas, como quando foi a Uganda (Francisco, 2015), ao México (Francisco, 2016a) e à Grécia (Francisco, 2016b). Essa posição está de acordo com aquilo que o cardeal Pietro Parolin já disse ser uma das principais motivações das viagens papais: “[...] uma urgência local, para a qual a presença do Papa poderá servir de conforto, também a impondo à atenção internacional” (Parolin in Sousa, 2020).

A América do sul é seu continente natal e padece muito com estas questões, para além do fato de ser palco de um avanço cada vez maior das igrejas protestantes na sua versão evangélico/pentecostal. Quanto à Ásia, apesar de não ter uma população católica proeminente, detém dois terços da população mundial e é vista pelo papa Francisco como o futuro da igreja (Religión Digital, 2015). A África foi outro continente que recebeu um pouco mais de atenção com Bergoglio.

A Oceania, visitada apenas uma vez, por Bento XVI, é o continente que menos recebeu viagens papais.

Em relação aos países visitados, faz-se necessário lembrar que ambos os papas tiveram a primeira viagem marcada pelo antecessor, as duas com o mesmo objetivo. Bento XVI foi à Alemanha e Francisco ao Brasil para participarem da Jornada Mundial da Juventude. Apesar de ser somente a partir da segunda viagem que exercem seu poder de escolha, já no primeiro deslocamento suas personalidades e preocupações já se fazem presentes. Bento XVI com o foco na secularização e Francisco nas questões de exclusão social.

Depois, enquanto Bento XVI se concentra nos principais países de cada continente, Francisco tem se voltado mais aqueles países menores e mais periféricos, como Albânia, Macedônia do Norte e, fora da Europa, a República Centro Africana. A predileção por países periféricos e pobres se coaduna com sua personalidade. Em Buenos Aires, sua atuação como sacerdote sempre esteve voltada ao trabalho social (Escobar, 2013, pp. 45-46; Tornielli, 2013, pp. 96-97). E, logo no início de seu pontificado, na encíclica *Evangelii Gaudium*, Francisco já evidenciava sua preocupação com os marginalizados e a cultura do consumo desenfreado:

O grande risco do mundo atual, com sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada. (Francisco, 2013a, p. 3).

A vida de Bento XVI também parece ter influenciado sua trajetória de viagens. Bem antes de chegar ao sólio pontifício, identificou a secularização e o relativismo como problemas que poderiam provocar danos profundos à igreja e à sociedade. Seu percurso acadêmico, sempre concentrado na dogmática e nos fundamentos do cristianismo, assim como sua atuação como prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, demonstram que essa preocupação não ficou restrita a uma fase biográfica, antes se tornou verdadeira profissão de fé. “O relativismo converteu-se no problema central da fé na hora atual.” (Ratzinger, 1996 Tradução nossa). A seguir, veremos como a sua concentração em países mais secularizados reforça essa tendência.

Países por Religião

Apesar de ambos incluírem eventos ecumênicos e inter-religiosos em suas viagens internacionais, cada um imprimiu dinâmicas distintas a estas questões em seus roteiros.

Dos países visitados por Bento XVI, 78% eram de maioria cristã, os demais eram de predomínio islâmico (13%), judaico (4%) ou mesmo sem filiação (4%) (Cardoso, 2020, p. 145). Francisco reduziu as visitas aos países cristãos, levando o número para 66% do total (Cardoso, 2020, p. 145). Afora Israel e os países islâmicos, que tiveram ligeiro aumento de atenção se comparado ao seu antecessor, Bergoglio visitou países de variadas matrizes religiosas, como o Hinduísmo e o Budismo.

Mesmo entre os países de maioria cristã, houve diferenças. Bento XVI concentrou quase três quartos de suas visitas a países cristãos católicos; os demais eram, em grande parte, de maioria protestante, tendo os ortodoxos pequena relevância (Cardoso, 2020, p. 146). Francisco diminuiu as viagens a países católicos, que perfizeram pouco mais da metade dos países cristãos visitados (Cardoso, 2020, p. 146). Nessa dinâmica, os ortodoxos conquistaram espaço considerável, igualando-se aos países protestantes.

Os dois papas deram muita atenção ao ecumenismo e ao diálogo inter-religioso em seus percursos de vida, porém, afora os discursos e encontros em territórios mais familiares, baseado nas estatísticas aqui referidas, Francisco parece preferir aprofundar essas questões em território alheio, visitando com maior frequência países não católicos e mesmo não cristãos, promovendo aquilo que chama de “cultura do encontro”.

Quando falamos em secularização, outras diferenças surgem no horizonte. Diversos indicadores são usados para determinar a secularização de um país, tais como a importância que a sociedade dá à religião, a frequência a serviços religiosos e a crença em Deus. Contudo, uma vez que um conjunto robusto de indicadores não se encontra disponível para muitos dos países aqui analisados, recorreremos àquele que possui informação mais farta e parece possuir maior generalidade, ou seja, o referente ao percentual da população que considera a religião algo importante em suas vidas.

Analisando diversas pesquisas lideradas pelo Pew Research Center e pelo Gallup (Pew Research Center, 2018a, 2018b, 2018c; Pew Research Center, 2015; Pew Research Center, 2014; Gallup, 2010)¹, conseguimos trazer alguma luz à questão. Vejamos as seguintes tabelas (1 e 2):

Tabela 1: % da população que considera a religião algo muito importante em suas vidas - Países visitados por Bento XVI

Bento XVI	
País/Organização	Importância da Religião
Alemanha	11%
Polónia	29%
Espanha	22%
Turquia	68%
Brasil	72%
Áustria	12%
Estados Unidos	53%
Austrália	18%
França	11%
Camarões	96%
Angola	Sem Dados
Jordânia	83%
Israel	36%
Chéquia	7%
Malta	86%
Portugal	36%
Chipre	75%
Reino Unido	10%
Croácia	42%
Benim	Sem Dados
México	37%
Cuba	Sem Dados
Líbano	57%
Média	43%

1 À data da finalização desta pesquisa, essas eram as fontes mais atuais e relevantes sobre o tema.

Tabela 2: % da população que considera a religião algo muito importante em suas vidas - Países visitados por Francisco

Francisco	
País	Importância da Religião
Brasil	72%
Jordânia	83%
Israel	36%
Coreia do Sul	19%
Albânia	39%
Turquia	68%
Sri Lanka	99%
Filipinas	87%
Bósnia e Herzegovina	54%
Equador	76%
Bolívia	71%
Paraguai	55%
Cuba	Sem Dados
Estados Unidos	53%
Quênia	86%
Uganda	94%
República Centro-Africana	Sem Dados
México	37%
Grécia	55%
Armênia	53%
Polónia	29%
Geórgia	50%
Azerbaijão	50%
Suécia	10%
Egito	72%
Portugal	36%
Colômbia	77%
Myanmar	Sem Dados
Bangladesh	99%
Chile	41%
Peru	72%
Suíça	9%
Irlanda	23%
Lituânia	16%
Letônia	10%
Estônia	6%
Panamá	61%
Emirados Árabes Unidos	Sem Dados
Marrocos	97%
Bulgária	19%
Macedônia do Norte	76%
Roménia	50%
Moçambique	Sem Dados
Madagascar	Sem Dados
Ilhas Maurício	Sem Dados
Tailândia	97%
Japão	10%
Média	54%

Francisco visitou vários países onde a importância da religião é muito baixa, como Estônia, Letônia e Suíça, assim como Bento XVI, que esteve na Tchécua,

no Reino Unido e na França. Porém, em média, Bento XVI esteve em países mais secularizados.

Embora as médias possam ocultar certas especificidades, consideramos importante dar aqui uma visão geral sobre a situação da secularização nos países visitados. Assim, com base nos estudos divulgados pelos observatórios acima referidos e à partir da variável concernente a importância da religião, traçamos uma média dos números desse indicador nos países que receberam visitas dos papas em estudo. A média geral de Francisco é de 54% de importância da religião nos países visitados, já a de Bento XVI é 11% mais baixa, indo a 43% (Cardoso, 2020, p. 147).

Eventos oficiais

As análises já apresentadas auxiliam no entendimento das mudanças de rumos das viagens de Bento XVI e Francisco, além de revelar algo sobre os próprios pontífices. Porém, também podem ser uma fonte de compreensão do assunto os eventos que compõem essas viagens. Quando nos referimos aos eventos, levamos em consideração todos os compromissos que constavam da agenda dos papas nessas viagens, disponíveis no site da Santa Sé.

Antes de nos atentarmos aos tipos de eventos que priorizaram em suas agendas, é interessante observar o número médio de eventos oficiais por viagem, já que este indicador nos permite compreender a intensidade com que essas visitas são feitas.

Durante as 24 viagens que fez, Bento XVI participou de 326 eventos, representando uma média de quase 14 eventos por viagem (Cardoso, 2020, p. 150).

Já Francisco, que fez, até dezembro de 2019, 32 viagens internacionais, compareceu a 653 eventos (Cardoso, 2020, p. 150), alcançando uma média de pouco mais de 20 eventos por viagem.

Assim, Francisco não somente mantém uma média de viagens anuais mais elevada que Bento XVI, mas também uma média de eventos por viagem maior.

Um outro dado que demonstra a disposição de Francisco é o número de viagens com múltiplos países no itinerário. Ao todo, dez de suas viagens, quase um terço, incluíam mais de um país. Esse número cai para apenas três das viagens realizadas por Bento XVI, algo em torno de 10% delas (Cardoso, 2020, p. 150).

Podemos ainda levar em conta mais um fator quanto ao dinamismo de Francisco: o número de viagens motivadas por um evento específico. Enquanto 71% das viagens de Bento XVI possuíam um evento principal, no caso do papa jesuíta esse número cai para 34% (Cardoso, 2020, p. 151). Francisco não parece ter sua agenda de viagens muito ligada a grandes eventos previamente marcados.

Certos eventos tornaram-se habituais no itinerário de viagens dos papas aqui analisados. Com Bento XVI, as reuniões com o meio acadêmico, cultural e científico tornaram-se frequentes. Já com Francisco, vê-se a inclusão de visitas a bairros pobres, centros penitenciários e campos de refugiados.

Além disso, vale analisar dois tipos de eventos com grande carga de significado: os eventos envolvendo os jovens e aqueles voltados ao ecumenismo e ao diálogo inter-religioso.

Apesar de Francisco dar grande importância aos jovens em seu pontificado, dedicando-lhes um sínodo e uma exortação apostólica, não se observam grandes diferenças na atenção dada a eles em suas viagens se comparadas às de Bento XVI. Ambos marcaram presença em três Jornadas Mundiais da Juventude. Além disso, Bento XVI incluiu eventos exclusivos aos jovens em 14 de suas 24 viagens, perfazendo 58% delas, chegando a 1,8 evento por viagem (Cardoso, 2020, p. 152). Já Francisco organizou eventos com os jovens em 18 de suas 32 viagens, 56% delas (Cardoso, 2020, p. 152). O único ponto em que há uma diferença é na média de eventos por viagem, em que Francisco alcança 2,5.

Já em relação aos eventos ecumênicos e inter-religiosos, há um interesse levemente maior por parte de Francisco. Enquanto esses eventos ocorreram em 16 viagens de Bento XVI (67% delas), com Francisco foram 23, ou 72% das viagens (Cardoso, 2020, p. 152). Foram também 2,3 eventos por viagem com Bento XVI e 2,7 com Francisco.

Neste quesito, porém, Francisco participou de três eventos de grande significado. Foi à Federação Luterana Mundial, localizada na Suécia, onde celebrou os 50 anos de diálogo entre luteranos e católicos, protagonizou o primeiro encontro na história de um papa com um metropolitano de Moscou e viajou até à Suíça para participar do aniversário do Conselho Mundial das Igrejas. Francisco também foi o primeiro Papa a visitar a península arábica, quando foi aos Emirados Árabes Unidos.

Análise dos Discursos

Como já referido, não faremos um estudo aprofundado dos discursos dos papas em suas viagens. Contudo, na intenção de conduzir uma análise que elucide a importância de suas alocações e evidencie como estas revelam algo sobre a relação de suas viagens com seus respectivos interesses e cosmovisões, empregaremos a metodologia que segue.

Faremos uso dos discursos e intervenções proferidos nos seguintes eventos da agenda de papal: eventos de boas-vindas e despedida, eventos ecumênicos e com jovens, reuniões com o clero local, além de homilias nas missas com ligação específica ao propósito da viagem, como por exemplo, aquelas realizadas nas Jornadas Mundiais da Juventude, nos Encontros Mundiais das Famílias, etc. Também foram incluídas alocações em eventos com grande carga de significado, como reuniões com vítimas de abusos sexuais ou com o mundo acadêmico.

Assim, foram selecionados 203 discursos, perfazendo 30% do total das alocações de Bento XVI e Francisco em viagens. Da leitura destes, foi possível extrair 19 categorias temáticas, que aqui apresentamos:

- Raízes cristãs: discursos que evocam as raízes cristãs dos países visitados;
- Família e matrimônio: defesa da instituição familiar em sua configuração tradicional, do matrimônio aberto à vida e da castidade fora do casamento;
- Secularização, relativismo e importância da fé: alertas em relação à secularização das sociedades, assim como condenação ao relativismo. Apologia à importância da fé no mundo atual;
- Evangelização: chamados à evangelização dos povos;

- Confirmação de fé: confirmações da fé cristã à comunidade visitada;
- Diálogo inter-religioso e ecumenismo: estímulo ao diálogo e a atividades em conjunto com não católicos e não cristãos;
- Pró vida: condenação ao aborto, aos métodos contraceptivos, à eutanásia, à manipulação de células-tronco embrionárias e à pena de morte;
- Jovens: discursos endereçados aos jovens ou que têm como sua principal mensagem os problemas enfrentados por essa parcela da sociedade;
- Fomento da prática religiosa: alocações em que se estimula maior participação dos crentes na vida da igreja, seja nas missas, seja na comunidade;
- Paz: conclamações de paz, muitas vezes realizadas em locais que vivem conflitos armados ou crises sociais graves;
- Pobreza e problemas sociais: pedidos de atenção aos mais pobres e marginalizados, condenações da desigualdade social e de um sistema econômico predatório, assim como da corrupção;
- Migrações e refugiados: mensagens centradas no problema das migrações forçadas por condições sociais adversas ou conflitos;
- Questões políticas: aqueles que aludem a protestos e ao ativismo político;
- Holocausto: condenações ao assassinato sistemático de judeus pelo regime nazista ocorrido nas décadas de 1930 e 1940, frequentemente proferidas em viagens à Israel e ao campo de extermínio de Auschwitz, na Polônia;
- Abusos sexuais: condenações de abusos sexuais por parte da hierarquia católica;
- Solidariedade: conclamações à solidariedade em nível local e global;
- Meio ambiente: falas ligadas a preservação do meio ambiente;
- Terrorismo e extremismo religioso: condenações ao terrorismo, principalmente àquele relacionado ao extremismo religioso;
- Idosos: discursos em que a questão do idoso é enfocada, lembrando os cuidados que estes devem receber em nível familiar e social.

Munidos de uma seleção de discursos e de uma categorização temática, que abrange desde as questões doutrinárias até aquelas ligadas à política, analisamos através da recorrência dos temas as preocupações fundamentais de cada pontífice em suas viagens internacionais. Vejamos as tabelas 3 e 4.

Apesar de compartilharem a maior parte das categorias temáticas, pode-se identificar uma mudança importante no foco de suas intervenções. Bento XVI foi fiel à própria personalidade em suas intervenções. Muitas de suas palavras endereçaram os problemas da secularização e do relativismo, bem como suas consequências para o mundo atual (28% dos discursos). Um chamamento às origens cristãs e uma reafirmação da fé, além de novo ímpeto evangelizador, foram meios que utilizou para combater estes males em muitas de suas alocações (18%).

Questões doutrinárias também tiveram grande peso nas falas do Papa Bento XVI. A categoria “família e matrimônio” aparece em 18% de seus discursos, assim como a agenda “pró vida” da Igreja Católica, citada em 10% deles. A categoria “diálogo inter-religioso e ecumenismo” também se destacou, permeando 10% dos discursos selecionados. A pobreza e as questões sociais tiveram lugar em seus pronunciamentos

na mesma medida que as questões concernentes aos jovens (8%). Ele não se recusou a tratar de temas mais sensíveis, como os abusos sexuais e o Holocausto, contudo não se alongou muito neles (3%). Quanto às questões políticas, preferiu não emitir opiniões ou fazer longas referências. Seus discursos tinham uma carga muito mais ligada ao sentido espiritual de seu cargo e não tanto ao caráter político.

Tabela 3: Recorrência das Categorias Temáticas - Bento XVI

Bento XVI			
Pos.	Categorias Temáticas	Discursos	%
1º	Secularização, Relativismo e Importância da Fé	17	28,3%
2º	Raízes Cristãs	11	18,3%
3º	Família e Matrimônio	11	18,3%
4º	Evangelização	10	16,7%
5º	Confirmação de Fé	6	10,0%
6º	Diálogo Inter-Religioso e Ecumenismo	6	10,0%
7º	Pró Vida	6	10,0%
8º	Jovens	5	8,3%
9º	Pobreza e Problemas Sociais	5	8,3%
10º	Fomento da Prática Religiosa	4	6,7%
11º	Paz	4	6,7%
12º	Migrações e Refugiados	3	5,0%
13º	Questões Políticas	3	5,0%
14º	Holocausto	2	3,3%
15º	Abusos Sexuais	2	3,3%

Tabela 4: Recorrência das Categorias Temáticas - Francisco

Francisco			
Pos.	Categorias Temáticas	Discursos	%
1º	Pobreza e Problemas Sociais	58	40,6%
2º	Paz	31	21,7%
3º	Solidariedade	31	21,7%
4º	Questões Políticas	26	18,2%
5º	Jovens	25	17,5%
6º	Diálogo Inter-Religioso e Ecumenismo	24	16,8%
7º	Meio Ambiente	20	14,0%
8º	Migrações e Refugiados	19	13,3%
9º	Evangelização	14	9,8%
10º	Secularização, Relativismo e Importância da Fé	14	9,8%
11º	Família e Matrimônio	13	9,1%
12º	Abusos Sexuais	10	7,0%
13º	Terrorismo e Extremismo Religioso	9	6,3%
14º	Pró Vida	7	4,9%
15º	Idosos	6	4,2%
16º	Confirmação de Fé	2	1,4%
17º	Raízes Cristãs	1	0,7%
18º	Fomento da Prática Religiosa	1	0,7%
19º	Holocausto	0	0,0%

Com Francisco, a prioridade dos temas sofre uma grande inversão. As problemáticas ligadas à fé e à secularização dão lugar à preocupação com a pobreza e os problemas

sociais, temática fartamente abordada por Bergoglio, alcançando quase metade dos discursos analisados (41%). Da mesma forma que seu antecessor, as temáticas abordadas também parecem demonstrar uma proximidade aos traços mais particulares da personalidade do pontífice.

Apesar de falar pouco em secularização (o tema surge em 10% dos discursos analisados), Francisco aborda o assunto indiretamente, reconhece a realidade atual, mas tenta não a condenar. Em oposição a Bento XVI, busca uma estratégia universalista no combate à perda de influência da religião.

Quatro categorias são exclusivas de Francisco, são elas “solidariedade”, “meio ambiente”, “terrorismo e extremismo religioso” e “idosos”.

Os temas doutrinários, centrais para Bento XVI, não receberam a mesma atenção com Francisco. Logo em sua primeira viagem, em 2013, no discurso que faz ao episcopado brasileiro, deixa antever essa tendência e seu objetivo: “uma instituição que tenha foco em condenações e frios chamados doutrinários tem poucas chances de sucesso” (Francisco, 2013b). Para mais, em uma entrevista concedida ao periódico jesuíta *Civiltà Cattolica*, também no ano de 2013, Francisco assevera:

O ministério pastoral da igreja não pode ficar obcecado com a transmissão de uma multidão desconexa de doutrinas a serem impostas com insistência. [...] Precisamos encontrar um novo equilíbrio; caso contrário, até mesmo o edifício moral da igreja provavelmente cairá como um castelo de cartas, perdendo o frescor e a fragrância do Evangelho. A proposta do Evangelho deve ser mais simples, profunda, radiante. É a partir dessa proposição que as consequências morais então fluem. [...] O anúncio do amor salvífico de Deus precede os imperativos morais e religiosos. Hoje, às vezes, parece que está prevalecendo a ordem inversa [...] (Francisco in *Civiltà Cattolica*, 2013, tradução nossa).

Já o grande foco nas questões sociais não turvou seu olhar para outros temas, como o ecumenismo e o diálogo inter-religioso (17%), assim como a questão dos jovens (17%).

Conclusão

A constituição pastoral *Gaudium et spes* foi um dos principais frutos do Concílio Vaticano II, tendo por objetivo principal apresentar a doutrina da igreja ao mundo atual e sua forma de relação com ele. No seu ponto 42, afirma:

Certamente, a missão própria confiada por Cristo à Sua Igreja não é de ordem política, econômica ou social: o fim que lhe propôs é, com efeito, de ordem religiosa. Mas desta mesma missão religiosa deriva um encargo, uma luz e uma energia que podem servir para o estabelecimento e consolidação da comunidade humana segundo a lei divina. E também, quando for necessário, pode ela própria, e até deve suscitar obras destinadas ao serviço de todos, sobretudo dos pobres [...] (Paulo VI, 1965, p. 21).

Como vimos nas páginas anteriores, tanto Bento XVI, mais próximo das questões espirituais e doutrinárias, quanto Francisco, com maior ligação aos problemas sociais e a solidariedade, encarnam o espírito de *aggiornamento* proposto pela igreja reunida em seu último concílio. De certo modo, isso reflete as suas personalidades e trajetórias de vida.

Os perfis dos dois pontífices aqui analisados ajudam, até certo ponto, a entender a trajetória de suas viagens. A cosmovisão que desenvolveram através de suas experiências e preocupações anteriores a assumirem o papado parece exercer alguma influência na escolha dos destinos, da mesma forma que nos eventos e ações que tomariam nessas visitas e dos temas abordados nos seus discursos.

A conjuntura internacional de nosso recorte temporal (2005 a 2019) é marcada por crises financeiras, catástrofes naturais, ataques terroristas, conflitos armados e convulsões sociais. Muitos de seus discursos no Vaticano trataram objetivamente desses problemas. Porém, não parece ter sido esse tipo de situação a nortear a mudança dos rumos das viagens papais demonstrada aqui.

O foco de Bento XVI na Europa, assim como os temas de seus discursos, permeados de referências à questão da secularização, evidenciaram a influência de sua trajetória pessoal e de suas preocupações como teólogo e intelectual de elevada craveira. O apelo que fez em suas viagens foca principalmente o encontro com Deus vivido na fidelidade à doutrina católica.

O papa Francisco, por sua vez, direciona as viagens papais às periferias do mundo, colocando os problemas sociais, em especial a pobreza e a desigualdade social, no centro de suas falas, algo que nos remete ao seu tempo como arcebispo de Buenos Aires, onde sempre esteve envolvido no intenso trabalho pastoral nas Villas Miseria.

Francisco tentou se afastar de uma posição de condenação aos desvios doutrinários e a falta de fé do mundo atual. Na esteira de uma sociedade que sofre os espasmos advindos da malversação dos recursos humanos e ambientais, entende poder atingir os corações dos homens e mulheres encarnando o espírito do santo que tomou o nome. Da mesma forma que Francisco de Assis, que possuía uma visão positiva da natureza e do homem, mesmo conhecendo bem suas imperfeições, prefere conduzir um diálogo centrado na misericórdia e no cuidado com os marginalizados e o meio ambiente.

Francisco está preocupado com a secularização, mas principalmente pelos efeitos nocivos desta em todo aquele que sofre, não só com os católicos ou mesmo cristãos. A valorização da ciência não foi garantia de maior humanidade e fraternidade. O desenvolvimento econômico advindo da globalização também não foi suficiente para purgar o mundo de seus males e ser a base de salvação para a humanidade.

De qualquer maneira, entre o céu e a terra é que se desenvolvem as viagens papais. Alguns de seus representantes têm os olhos mais fitos aos céus, outros seus pés mais firmes na terra. A igreja tem mostrado a capacidade de sobreviver e de se manter mais ou menos relevante, mesmo passando por administrações tão heterogêneas. Conseguirá manter sua relevância sem alterar o âmago de sua mensagem e prática eclesial? É questão para outra análise.

Referências

ACI Digital. Apresentam lema de viagem pontifícia à Polônia. Disponível em <https://www.acidigital.com/noticias/apresentam-lema-de-viagem-pontificia-a-polonia-88335>. Acessado em 02/03/2022.

- BALDISSERI, Lorenzo. *Diplomacia pontifícia: Acordo Brasil – Santa Sé: intervenções*. São Paulo: LTr, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e holocausto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BENTO XVI. Entrevista Concedida pelo Papa Bento XVI aos Jornalistas Durante o Voo para Sidney (Austrália). 12 jul. 2008, disponível em http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2008/july/documents/hf_ben-xvi_spe_20080712_interview.html. Acesso em 08/04/2020.
- CARDOSO, Davi Arão Elias. *Entre o céu e a terra: uma análise comparada das viagens de Bento XVI e Francisco*. Tese de mestrado, 2020. Disponível em <https://hdl.handle.net/10216/127902>
- CARLETTI, Anna. *O Internacionalismo vaticano e a nova ordem mundial: a diplomacia pontifícia da Guerra Fria aos nossos dias*. Brasília: FUNAG, 2012.
- CARVALHO, Rita Almeida in RODRIGUES, Luís Nuno; Martins, Fernando. *A diplomacia papal ao serviço de uma consciência planetária in História e Relações Internacionais: Temas e Debates*. Évora: Publicações de Cidehus, 2004.
- Civiltà Cattolica. *A Big Heart Open to God: An Interview with Pope Francis*. Set. 2013, disponível em <https://www.americamagazine.org/faith/2013/09/30/big-heart-open-god-interview-pope-francis>. Acesso em 13/05/2020.
- DOBBELAERE, Karel. *Secularization: A Multi-dimensional Concept*. Londres: Sage Publications, 1981.
- ESCOBAR, Mário. *Francisco, o papa da simplicidade*. Rio de Janeiro: Agir, 2013.
- FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Edições Paulinas, 2013a.
- FRANCISCO. *Encontro com o Episcopado Brasileiro*. Discurso do Santo Padre. 27 jul. 2013b, disponível em http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130727_gmg-episcopato-brasile.html. Acesso em 17/03/2020.
- FRANCISCO. *Encontro com as Autoridades e o Corpo Diplomático*. Discurso do Santo Padre. 27 nov. 2015, disponível em http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151127_uganda-autorita.html. Acesso em 24/03/2020.
- FRANCISCO. *Santa Missa*. Homilia do Santo Padre. 17 fev. 2016a, disponível em http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2016/documents/papa-francesco_20160217_omelia-messico-ciudad-jaurez.html. Acesso em 25/03/2020.
- FRANCISCO. *Visita aos Refugiados*. Discursos de Sua Beatitude Jerónimo, Arcebispo de Atenas e de Toda a Grécia, de Sua Santidade Bartolomeu, Patriarca Ecuménico de Constantinopla, e do Santo Padre Francisco. 16 abr. 2016b,

disponível em http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/april/documents/papa-francesco_20160416_lesvos-rifugiati.html. Acesso em 25/03/2020.

Gallup. Religiosity Highest in World's Poorest Nations. 31 ago. 2010, disponível em <https://news.gallup.com/poll/142727/religiosity-highest-world-poorest-nations.aspx>. Acesso em 13/04/2020.

HABERMAS, Jürgen. *Modernity: an incomplete project*. Port Townsend: Bay Press, 1983.

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

NORWICH, John Julius. *Os Papas, a história*. Porto: Civilização Editora, 2012.

PAROLIN, Pietro in SOUSA, Márcia Teresa Dias de. *Como se reescreve um papa? A tradução no campo jornalístico dos discursos pontifícios proferidos na Assembleia Geral da ONU*. Tese de Doutorado, 2020. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.14/36605>. Acesso em 02/03/2022.

Pew Research Center. *Religion in Latin America: Widespread Change in a Historically Catholic Region*. 2014, disponível em <https://www.pewresearch.org/wp-content/uploads/sites/7/2014/11/Religion-in-Latin-America-11-12-PM-full-PDF.pdf>. Acesso em 28/03/2020.

Pew Research Center. *Americans are in the middle of the pack globally when it comes to importance of religion*. 23 dez. 2015, disponível em <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2015/12/23/americans-are-in-the-middle-of-the-pack-globally-when-it-comes-to-importance-of-religion/>. Acesso em 13/04/2020.

Pew Research Center. *Being Christian in Western Europe*. 29 mai. 2018a, disponível em <https://www.pewforum.org/2018/05/29/being-christian-in-western-europe/>. Acesso em 24/10/2021.

Pew Research Center. *How do European countries differ in religious commitment?* 5 dez. 2018b, disponível em <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2018/12/05/how-do-european-countries-differ-in-religious-commitment/>. Acesso em 27/02/2020.

Pew Research Center. *The Age Gap in Religion Around the World*. 14 jun. 2018c, disponível em <https://www.pewforum.org/2018/06/13/how-religious-commitment-varies-by-country-among-people-of-all-ages/>. Acesso em 13/04/2020.

RATZINGER, Joseph. *The current situation of faith and theology. Meeting with the Doctrinal Commissions of Latin America*. 7 mai. 1996. Disponível em https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/incontri/rc_con_cfaith_19960507_guadalajara-ratzinger_en.html. Acesso em 05/03/2022.

Religión Digital. *Cardenal Tagle: “El Papa me dijo que el futuro de la Iglesia está en Asia”*. 23 jul. 2015, disponível em https://www.religiondigital.org/mundo/Cardenal-Tagle-Papa-Iglesia-Asia_0_1704429583.html. Acesso em 09/04/2020.

PNUD (2014). Ranking IDH Global 2014. Disponível em <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/rankings/idh-global.html>. Acesso em 16/04/2020.

SUFFERT, George. Tu és Pedro. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

TORNIELLI, Andrea. Francisco. A vida e as ideias do papa latino-americano. São Paulo: Editora Planeta, 2013

Vatican News. Paulo VI e o ecumenismo: uma escolha irreversível. Disponível em <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2021-06/paulo-vi-ecumenismo-conselho-mundial-igrejas-reflexao.html>. Acesso em 02/03/2022.

Editores responsáveis: Alfredo Teixeira

Submetido em: 08/11/2021

Aprovado em: 28/02/2022